

# **O chamamento ao sacerdócio é verdadeiramente irresistível**

Entrevista a Diogo Brito, um português que será ordenado diácono no próximo sábado (29 de Outubro) em Roma.

27/10/2016

**1. Com uma vida profissional já estabelecida o que o levou a decidir ser padre?**

Fiz com muita satisfação o meu curso de Direito e tive a possibilidade de exercer durante quase 10 anos a advocacia entre colegas e "chefes" de grande craveira, de quem aprendi muito e entre os quais fiz muitas amizades. O espírito do Opus Dei ajudou-me, ao longo de todo esse tempo (em que também promovi e participei, com não menos gosto e satisfação, em muitas atividades de voluntariado e de formação cristã, humana e cultural, com colegas de faculdade ou trabalho ou jovens de diversas idades), a procurar orientar o meu trabalho para a glória de Deus e o serviço da sociedade.

Sempre encarei, por isso, o meu trabalho de advogado como uma parte importante da minha resposta ao dom da fé cristã e ao grande dom da vocação de Numerário do Opus Dei (ambos esses dons devo-os também, em grande medida, ao exemplo e carinho dos meus Pais) No

entanto, o chamamento a aceder agora ao sacerdócio, o qual tem uma beleza e grandeza incomparáveis (o sacerdote é, de uma forma muito especial, instrumento de Cristo para a salvação dos homens!), é verdadeiramente "irresistível" e como que torna fácil deixar para trás qualquer carreira profissional, por mais prometedora que seja.

Gostava ainda de referir que, desde muito novo, tive também a enorme "sorte" de conhecer e ser ajudado por vários sacerdotes que foram anteriormente engenheiros, advogados, professores, médicos, e que a certa altura da sua vida, ante um chamamento semelhante ao meu, "trocaram" a sua profissão pelo sacerdócio. Agradeço-lhes o seu exemplo, que me serve particularmente de apoio para esta minha decisão.

## **2. Para si quais são as prioridades que um padre deve ter?**

Aprendi do fundador do Opus Dei que um padre deve, antes de mais, cuidar da sua própria vida espiritual: dedicar diariamente um tempo generoso a Deus, por meio da oração, dos sacramentos - a começar pela celebração devota da Santa Missa, mas sem esquecer a receção frequente, por ele mesmo, da Penitência -, do cuidado da sua própria formação cristã.

Um padre deve, também, estar unido de modo particular às intenções e indicações do seu Bispo e do Santo Padre, para assim atuar em todo o momento em comunhão e unidade com a Igreja e poder levar as pessoas a Cristo (e não a ele próprio).

Quem abraça o sacerdócio, deve estar disponível para o seu ministério as 24 horas do dia. É também importante que esteja a par

do que acontece na sociedade, dos problemas e dos desafios de cada momento e de cada região, mas deverá sobretudo estar capacitado e disponível para acolher a todos, dialogar com todos. Penso que esta conhecida frase de João Paulo II diz tudo: "são necessários arautos do Evangelho *peritos em humanidade*, que conheçam a fundo o coração do homem de hoje, participem das suas alegrias e esperanças, angústias e tristezas, e ao mesmo tempo sejam contemplativos, enamorados de Deus".

Parece-me particularmente importante, também, que o sacerdote tenha consciência do protagonismo que cabe aos leigos na evangelização do mundo: a sua prioridade deveria ser, na minha convicção, a de ajudar os leigos a intensificar a sua vida cristã, para que a possam viver e testemunhar na família, entre os amigos e colegas de trabalho, nas

mais diversas realidades da vida social.

Salientaria, por último, o impulso do Papa Francisco para que a Igreja não fique fechada em si mesma, mas vá ao encontro de todos, onde quer que estejam, também no que ele tem designado de *periferias* (sociais, intelectuais ou religiosas: pessoas que não frequentam a Igreja, não pensam como cristãos, não acreditam em Deus).

### **3. Aos que pensam em entregar a sua vida a Deus o que lhes pode dizer?**

Marcaram-me especialmente as palavras que ouvi ao Papa Bento XVI na inesquecível Jornada Mundial da Juventude de 2005, em Colónia: "Se pensamos e vivemos em virtude da comunhão com Cristo, então abrem-se os nossos olhos. Então deixaremos de nos adaptar a ir vivendo preocupados unicamente com nós

próprios, mas veremos onde e como somos necessários. Vivendo e agindo assim bem depressa nos daremos conta de que é muito mais belo ser úteis e estar à disposição do próximo do que preocupar-se unicamente das comodidades que nos são oferecidas".

Estas palavras traduziam bem a minha experiência pessoal ao longo de 10 anos de entrega a Deus no Opus Dei e continuaram a inspirar-me desde então. Teria gosto em repeti-las, por isso, a quem pensa em entregar-se a Deus.

Recordar-lhes-ia ainda o momento inesquecível que vivi junto do Papa João Paulo II doente mas cheio de energia, num encontro com jovens em Madrid em 2003, em que nos disse o seguinte, com especial força: "o compromisso da nova evangelização (...) é uma tarefa de todos. (...) Eis a razão pela qual

desejo dizer a cada um de vós, jovens: se sentis a chamada de Deus que vos diz: "Segue-me!" (*Mc 2, 14; Lc 5, 27*), não a sufoqueis. Sede generosos, respondei como Maria oferecendo a Deus o sim alegre das vossas pessoas e da vossa vida". E acrescentou, com bom humor mas enorme profundidade, o seguinte: "eu fui ordenado quando tinha 26 anos. Desde então passaram 56. Então, quantos anos tem o Papa? Quase 83! Um jovem de 83 anos. Quando olho para trás e recordo estes anos da minha vida, posso garantir-vos que *vale a pena dedicar-se à causa de Cristo* e, por amor d'Ele, consagrar-se ao serviço do homem. Vale a pena dar a vida pelo Evangelho e pelos irmãos!".

**4. O que pode um padre fazer por aqueles que não acreditam em Deus?**



A própria "existência" de alguém que, de forma pública, notória e permanente dedica o seu tempo, saúde, energias e posses a Deus e aos outros, renunciando a outras coisas boas e legítimas da vida (formar uma família, seguir uma carreira civil, gozar de prestígio social ou bem-estar económico, etc.) pode já ser, em si mesma, um grande motivo de reflexão para aqueles que, por razões muito diferentes, não experimentaram ainda a alegria do encontro com Deus.

Além disso, o padre deve, antes de mais e principalmente, rezar diariamente - eu procuro fazê-lo - por todos os que não conhecem, esqueceram ou abandonaram Deus: só a graça de Deus atua no interior das almas; sem ela, toda a ação do sacerdote - ou de qualquer outro fiel cristão - seria apenas demonstração de preocupação, amizade ou "propaganda", incapaz de produzir

no não crente uma genuína descoberta de Deus.

Diria, por último, que o padre há-de mostrar sempre uma grande capacidade de compreensão e tolerância, de acolhimento e diálogo, também com os não crentes; fazer um esforço por conhecer os seus problemas e dúvidas, ideias e atitudes para, a partir daí, e confiando na bondade de fundo e no desejo de verdade que estão presentes em todas as pessoas, bem como na real ajuda da graça (para ele próprio e para os não crentes), fazer propostas ou dar conselhos que tornem Cristo mais próximo dessas pessoas.

Deus tem uma vocação para todos e cada um. Todas as vocações na Igreja - laical, sacerdotal ou à vida consagrada - são igualmente belas e dignas.

## 5. Que mensagem tem para as pessoas que estão a ler esta entrevista?

Para além do que já fui tentando expressar antes, gostaria de acrescentar apenas que Deus tem uma vocação para todos e cada um. Todas as vocações na Igreja - laical (no matrimónio ou no celibato), sacerdotal ou à vida consagrada - são igualmente belas e dignas. Vale a pena ter a ousadia de se colocar à disposição de Deus, para O servir da forma que Ele pensou para cada um: aí está, penso, o caminho para a felicidade.